

A DISTOPIA EM TEMPOS DE PANDEMIA ENTREVISTA COM LUISA GEISLER

COLETIVO SINESTÉTICAS*
movimentosinestetico@gmail.com

No âmbito dos saraus temáticos online promovidos pelo coletivo Sinestéticas, a edição de 13 de maio de 2020 trouxe à pauta as Distopias. Sob a égide de uma pandemia global marcada por conflitos políticos e sociais em diversos países, observamos o retorno às listas dos livros mais vendidos de alguns clássicos distópicos como *1984*, de George Orwell, *Ensaio Sobre a Cegueira*, de José Saramago e *O Conto de Aia*, de Margaret Atwood.

A escritora e tradutora brasileira Luisa Geisler, duas vezes ganhadora do Prêmio Sesc de Literatura e finalista do prêmio Jabuti, falou sobre a escrita coletiva e o lançamento em plena pandemia da distopia *Corpos Secos* (2020). Esta entrevista, conduzida por Taynnã de Camargo Santos, foi transcrita e expandida para publicação na edição nº 2 da Revista 2i.

Sobre Luisa Geisler

Luisa Geisler nasceu em 1991 em Canoas, RS. Escritora e tradutora, é também mestre em processo criativo pela National University of Ireland. Pela Alfaguara, publicou *Luzes de emergência se acenderão automaticamente* (2014), *De espaços abandonados* (2018) e *Enfim, capivaras* (2019), além de *Corpos secos*, romance distópico de terror escrito a oito mãos com Natalia Borges Polesso, Marcelo Ferroni e Samir Machado de Machado. Foi vencedora do Prêmio Sesc de Literatura por duas vezes, além de finalista do Prêmio Machado de Assis, semifinalista do Prêmio Oceanos de Literatura e duas vezes finalista do Jabuti.

Entrevista com Luisa Geisler

Taynnã de Camargo Santos: Olá, Luisa. Obrigado por aceitar nosso convite para falar de distopias. Você já produziu neste gênero e teve agora em 2020 o lançamento do romance “*Corpos Secos*” (Editora Alfaguara).

Luisa Geisler: Sim. É estranho falar de distopia agora. Há dois anos eu faço um podcast chamado “A hora da distopia”, em que falamos sobre livros distópicos, realidades distópicas no geral. Começamos simplesmente porque achávamos um tema interessante, e agora estamos com dificuldade para gravar porque ficamos com dúvidas como: mas o

* Sinestéticas é o coletivo de artistas fundado em Portugal em 2019 pelos escritores e pesquisadores brasileiros Anderson Antonangelo, Taynnã de Camargo Santos e Vitor Varela.



Fig. 1: Foto da entrevista concedida em maio de 2020.

que teremos a dizer sobre o 1984 [de George Orwell] neste momento? É estranho falar de distopia neste momento de Covid-19.

T.C.S.: Como seu livro relaciona uma realidade apocalíptica com este momento que vivemos?

L.G.: O *Corpos secos* trata de um apocalipse de mortos-vivos no Brasil. É um projeto que começou em 2018 e foi escrito por quatro autores: Marcelo Ferroni, Natalia Borges Polesso, Samir Machado de Machado e eu. Quando começamos, estávamos no governo Temer [2016-2018], ainda nem tínhamos o Bolsonaro, e foi assustador como, entre as nossas idas e vindas do processo da escrita, cada vez mais parecia que o livro estava se aproximando do real. Ele foi lançado mês passado, uma exceção no meio de da pandemia, com livrarias fechadas... tudo muito estranho. E existem várias coisas que são meio proféticas no livro. Eu tenho uma amiga que fica rindo de um trecho que fala sobre correntes do Whatsapp, mas por outro lado a gente não pôs no livro que as pessoas iam ficar tão desesperadas por papel higiênico. Nunca achei que

isso seria uma prioridade, parece sempre uma coisa fácil de resolver. Eu me preocuparia mais com comida. Cada um com suas prioridades...

T.C.S.: Uma característica do *Corpos secos* é o fato de ser uma produção coletiva, ou seja, na verdade são várias perspectivas sobre uma mesma situação.

L.G.: Sim. Uma coisa engraçada é que o livro já teve algumas resenhas e, o que uma pessoa acha chato, o outro grupo acha muito legal. Eu já ouvi “Fulano é o melhor personagem”, e, por serem quatro autores que trabalham de formas muito distintas, se você quer mais ação, vai no trecho do Mateus [personagem do *Corpos secos*], se quer uma perspectiva mais intimista ou mais o interior das pessoas, então vai preferir uma outra personagem. Tem essa coisa também de que a pandemia é como a gente a enxerga. O meu personagem é uma criança porque eu achei que seria muito engraçado fazer um personagem criativo, eu pensei: “bom, como seria uma criança vendo tudo isso?” E agora a gente vê, por exemplo, as frases de crianças na pandemia, coisas como “se a gente ficar bem quietinho, o Corona vai embora, vai achar que não tem ninguém...” Então é interessante como o que a gente imagina que vai ser às vezes bate, às vezes não.

T.C.S.: Como foi esse processo de escrever em conjunto? Vocês tinham uma premissa, combinaram e depois passaram um pente-fino para ver se as coisas estavam coesas ou foi na liberdade, “a premissa é essa e cada um escreve como preferir”?

L.G.: A gente criou “regras do apocalipse”. Fazíamos reuniões, talvez a cada quatro meses, para estabelecer alguns detalhes. Alguém dizia “neste ponto da minha história eu falo do presidente”, então todo mundo que for mencionar o presidente precisa falar que é mulher, ou homem, que seja. Se esse tema surgir, então falem desta forma. O que a gente mais precisou discutir foram as ideias mais básicas: como eles [os “corpos secos”] surgem? No nosso livro eles são uma distorção de agrotóxicos que acabam justamente fazendo esse processo de *corpo-secagem*. Não queríamos fazer um apocalipse gringo, com *copyright*, neve, nada assim. Queríamos nacionalizar o apocalipse. Trabalhamos

muito com essa ideia de corpo-seco inspirado no zumbi, mas que é nosso, uma coisa que a gente inventou. Tem várias influências, mas em geral é uma coisa nossa, e tem essa questão dos agrotóxicos, que foi bem importante. Determinamos a aparência dos zumbis e também o ciclo de vida: eles são mais ágeis no começo, vão envelhecendo e ficando lentos conforme secam. Isso foi importante para determinar o parentesco dos personagens, como eles funcionavam, e fomos estabelecendo regras ao longo da narrativa. A linha do tempo foi bem rígida, seriam 15 dias.

T.C.S.: Achei curiosa essa ideia de “regras do apocalipse.” Talvez seja um dos pontos fundamentais para criar um futuro ficcional: o problema aconteceu por aqui, então é a partir disso que vamos construir, sobre desse problema.

L.G.: Sim, a loucura tem método. Hoje, vendo a nossa versão do apocalipse, eu até penso que devia ter estudado mais epidemiologia, porque não era um grande tema para mim, mas depois do que aconteceu eu fiquei meio obcecada por isso, leio livros de não ficção sobre o Ebola e transmissão de outros vírus... Aí eu me dei conta que a gente podia ter investido nesse ponto também. Por outro lado, no Brasil não temos uma estrutura de saúde organizada, com muitos recursos, o que é diferente da Europa ou do zumbi clássico norte-americano, que vai ter um agente com sua roupinha toda plástica. Aqui é capaz de ser uma coisa mais confusa. Outra coisa muito interessante é o fechamento de fronteiras, que eles estão fazendo agora no Paraguai, uma fronteira sanitária. O nosso fenômeno fica fechado no Brasil, mas isso acaba tendo um impacto mundial também. O que me surpreende é que sim, o apocalipse tem regras, é muito numérico e gráfico, mas a gente não sabe todas elas. Tem os dois aspectos: o que parece caótico, mais aparente, mas tem um aspecto muito racional e frio, inclusive de o apocalipse ser um pouco mais democrático do que se espera.

T.C.S.: Apesar de termos claro na literatura o que é o gênero distópico, já existe um cânone da distopia, o termo “distopia” é complexo. Pensamos sempre em relação à utopia, mas não é exatamente isso. A distopia trabalha o elemento do verossímil. As construções distópicas não são completamente estapafúrdias, há sempre um elemento que o leitor reconhece como possível de realmente acontecer.

L.G.: Sim, as distopias são interessantes justamente porque remetem ao medo de um determinado momento histórico: medo do fascismo, medo de robôs, medo de tecnologia e de como isso vai mudando. Eu sempre acho que a distopia conversa com algum medo, mesmo que seja uma distopia muito louca. Eu não consigo pensar em uma que não possa ser lida como algum tipo de crítica social. Se pegarmos, por exemplo, *Jogos vorazes* [de Suzanne Collins], eu acho podemos interpretar por aspectos sociais. A gente encontra essas ligações e a distopia parece surgir do medo, é a raiz do medo estendida. Essa verossimilhança é bem pensada, não é simplesmente “vou imaginar”.

T.C.S.: Acho que existe o elemento do medo, mas também o do desejo. O Huxley puxa muito mais para esse lado. O desejo e o consumo acabam sendo as iscas no *Admirável mundo novo*. As dualidades básicas do “pelo amor ou pela dor”, “desejo ou medo”, são os motivadores. No final das contas, o fundamental da distopia é a projeção de um contexto que parece diferente, mas no qual os humanos continuam cometendo os mesmos erros. Acaba girando em torno da humanidade, mas projetada numa realidade que tem premissas, como você colocou.

L.G.: No final das contas, a humanidade é a distopia. A natureza humana, por mais seja um conceito discutível, acaba por individualizar muito as situações. De novo a gente vê na crise da Covid-19 o retorno a algo muito primitivo. Há algum tempo circularam áudios

de pessoas muito ricas que acharam uma boa ideia ter um respirador em casa, só para ter, num momento em que estamos numa crise por falta de respiradores. Então às vezes a distopia nos tira essas camadas de pretensa sociedade, nos individualiza de uma maneira ainda mais solitária. Ela nos deixa menos humanos no sentido de ver os outros, de ter que escolher, como o caso dos médicos que têm que escolher quem recebe respirador. Para isso é preciso estabelecer uma série de critérios e quem tem menor pontuação nesses critérios não vai ganhar e pronto. Portanto a distopia tira a humanidade da gente. E isso é interessante em literatura, isso fica. Acho que é um dos poucos jeitos de entendermos a nossa falta de humanidade e como a gente está só posando para ter uma certa humanidade.

T.C.S.: Estamos falando de distopia, que projeta no futuro o que seria um pior cenário, mas tem aquela perspectiva do “agora é o momento de sermos otimistas”, “temos que acreditar”, “a hora é agora”. O que você pensa sobre isso?

L.G.: Eu chamo de positividade tóxica essa coisa de “a gente tem que ter esperança a qualquer custo e você não pode ser negativo e falar da morte”. Para mim é um fenômeno intoxicante porque não permite olhar a variedade de coisas que um fenômeno como o Coronavírus gera. Esse raciocínio acaba limitando. Pensar só no lado otimista acaba gerando uma ansiedade também, uma cobrança. E essa positividade tóxica surge de maneiras muito perniciosas, como por exemplo todo mundo falando “é só ficar em casa.” Eu gosto de ficar em casa, mas só ficar em casa não é fácil, por mais que eu seja superprivilegiada, tenha acesso a tele-entregas, mas isso também significa eu não ver minha família, a minha avó não ver seus netos. Acho importante sermos honestos com o que está acontecendo, porque não temos como ter esperança sem ter desesperança. Como tu comentaste, a distopia vai ter que eventualmente chegar em utopia, então eu vejo que se a gente continuar por esse lado, pode acontecer. Enfim, essa positividade de Instagram do tipo “temos de ser otimistas” me chateia um pouco e me gera negatividade. Acho que se todo mundo se abraçasse e dissesse “tá horrível” seria mais legal. A gente se sentiria melhor.

T.C.S.: Eu vi que *A peste* do Camus, George Orwell e as distopias mais famosas passaram a vender bastante depois que a pandemia começou.

L.G.: Sim, e é curioso que eu nunca tinha lido *A peste* e quando eu comprei estava nos Top 20, embora seja um número que flutua muito na Amazon. E, de novo, tem muitas coisas que são extremamente reais. Tem um trecho muito bonito no qual não se quer nomear aquilo que está acontecendo, creio que na tradução que eu li estava “flagelo”, porque nomeá-lo significaria que aquilo existiria de fato. *A peste* especificamente tem até um final quase otimista. Você percebe que a humanidade faz más escolhas, mas a gente vive depois, mesmo que mal. *Ensaio sobre a cegueira* [de José Saramago] é outro que também tem muita relação com o que estamos vivendo. O final dá uma certeza de que haverá futuro. Pode até ser um futuro horrível, mas haverá um futuro. É uma sensação estranha, mas boa para mim. É diferente da positividade do “temos que ser alegres”.

T.C.S.: Haverá humanidade, vamos nos adaptar de alguma forma.

L.G.: É. Que humanidade, nós não sabemos.

T.C.S.: Quando falamos de distopia, estamos pensando num nível de coletivo, mais amplo, mas na verdade acompanhamos a narrativa através da perspectiva de um protagonista e ficamos apreensivos pela nossa individualidade. Trabalhar o egoísmo, os fantasmas, o medo da morte que, como você falou, é essencial, tem tudo a ver com criar ficção e expandir isso para o mundo todo. É universalizar uma angústia particular.

L.G.: É, e existe uma falta de controle. Particularmente, volta e meia eu tenho fases. Às vezes tenho uma fase “nihilismo do Coronavírus”, em que penso: “então tá, vai todo mundo morrer, então morre.” Mas depois paro e penso “não, mas não é bom quando as pessoas morrem.” Porque por mais que sejamos indivíduos, no caso de uma pandemia, é muito difícil eu me proteger se não proteger o outro também. Eu posso montar um *bunker* aqui para me proteger, mas eu não tenho como garantir que a minha mãe vai ficar bem, a não ser que eu traga minha mãe para meu *bunker*. Aí vou colocar minha mãe, meu irmão, meu pai, minha irmã. E chega um momento em que eu não tenho como individualizar o coletivo de pessoas que eu quero proteger. Por exemplo, eu não tenho como colocar o Sérgio Sant’anna no meu *bunker* [autor brasileiro que faleceu três dias antes da entrevista, em decorrência de complicações da Covid-19].

T.C.S.: Isso dialoga com algo que li esses dias sobre a cultura indígena. De alguma forma os indígenas já falavam dessas questões todas. Não vou falar me lembrar da citação exata, mas esse trecho falava sobre o problema da nossa sociedade ser o de estarmos muito habituados a falar. Nós falamos muito, nos desentendemos e este é um momento de ouvir. De abaixar a cabeça e admitir que não podemos fazer nada. Nossas armas, nossas metralhadoras, nossas bombas não servem para nada. Já não é possível ser proativo, não podemos atacar. É preciso receber o golpe e lidar com isso.

L.G.: Eu não tinha pensado nisso, mas faz todo o sentido. A gente pode até combater, mas só daqui um ano, dois, quando houver uma vacina. Não temos como desenvolver uma arma imediata. E isso eu acho uma das coisas interessantes do Coronavírus, essa nova noção de tempo. Se pensarmos na gripe espanhola, as pessoas ficaram meses trancadas. Na peste, meses trancadas, anos. Nas guerras, as pessoas aguentaram três, quatro anos. E para nós parece um absurdo ficar um mês em casa. Isso é estranho, a Covid acaba fazendo isso com a gente, mudando a noção de tempo e de como o entendemos. Imagina a pessoa que tem o marido na guerra, que recebe uma carta de vez em quando, enquanto nós podemos fazer *Facetime* com nossa mãe. O tempo parece diferente. Isso é uma característica da nossa geração, deste momento, século XXI, em que temos esse excesso de informação e parece que um mês em casa é pavoroso.

Sarau Sinestético “Distopias”, 13 de maio de 2020.

DOI: [10.21814/2i.3080](https://doi.org/10.21814/2i.3080)